

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**Ajustamento Psicológico dos filhos em contexto de
desvantagem económica e social: O papel do funcionamento
reflexivo e do stress parental quotidiano**

Catherine Nunes Miguel

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Área de Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde – Psicologia Clínica Sistémica

2020

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**Ajustamento Psicológico dos filhos em contexto de
desvantagem económica e social: O papel do funcionamento
reflexivo e do stress parental quotidiano**

Catherine Nunes Miguel

**Dissertação orientada pela Professora Doutora Isabel de Santa Bárbara Narciso e
coorientada pela Professora Doutora Magda Sofia Valadas Dominguez Roberto**

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Área de Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde – Psicologia Clínica Sistémica

2020

Agradecimentos

À Professora Doutora Isabel Narciso, por me ter acompanhado neste caminho. Pela compreensão, dedicação e amabilidade infinitas. Por me ter transmitido um bocadinho da sua sabedoria e por ser uma inspiração na intervenção com estas famílias.

À Professora Doutora Magda Roberto, por me ter mostrado que a estatística pode ser divertida, se compreendida. Pela disponibilidade, simpatia e serenidade em cada palavra. Por fazer parte deste percurso.

À minha mãe, pai e irmão, por me incentivarem sempre a seguir os meus sonhos e por me ajudarem a acreditar que sou capaz de os alcançar. Pelo amor incondicional. Por estarem presentes nas minhas conquistas e nos momentos de frustração e tristeza. Sem vocês nada disto seria possível.

À minha família, por serem o meu porto seguro, onde volto sempre. Por nunca terem cobrado as minhas ausências ao longo destes cinco anos. Por todos os momentos de boa disposição e risadas, que em tanto me acalmaram.

Aos meus amigos e colegas, por todo o apoio e carinho em cada momento de dúvida e frustração, ao longo deste percurso académico. Por serem a minha sanidade mental e por toda a felicidade partilhada. Levo-vos no meu coração.

A todas as pessoas do meu local de estágio, em especial à minha equipa, por me terem recebido de braços abertos, pela partilha de conhecimentos e pelas gargalhadas diárias. Um especial obrigada, à Dr.^a Carolina Guedes, pela constante preocupação, disponibilidade e amabilidade. Por incentivar o meu crescimento e por me ter permitido acompanhá-la na intervenção com estas famílias.

Índice

Introdução	1
Parentalidade em Contextos de Desvantagem Económica e Social	1
<i>Stress</i> Parental Quotidiano e Ajustamento Psicológico dos filhos	2
Funcionamento Reflexivo Parental e Ajustamento Psicológico dos filhos	4
Metodologia	8
Abordagem metodológica e desenho de estudo	8
Questões de Investigação e Objetivos.....	8
Procedimento de Recolha de Dados	10
Variáveis e Instrumentos.....	12
Análise de dados	14
Resultados	15
Análise bivariada	15
Modelo de regressão linear: identificação de preditores.....	18
Mediação simples: testagem do efeito indireto.....	20
Discussão	21
Limitações do Estudo.....	24
Contributos para a Intervenção e Estudos Futuros	25
Conclusão	26
Referências Bibliográficas	28

Índice de Quadros

Quadro 1. Estatística descritiva e correlações bivariadas para as variáveis em estudo e variáveis sociodemográficas (N = 78)	17
Quadro 2. Estimativas não estandardizadas do modelo de regressão linear entre as variáveis em estudo (N=78).....	19

Índice de Figuras

Figura 1. Mapa conceptual	9
Figura 2. Coeficientes de regressão estandardizados para o modelo de mediação simples entre as variáveis em estudo	20

Anexos

Anexo A – Régua (Funcionamento Reflexivo Parental)

Anexo B – Questionário de Funcionamento Reflexivo Parental

Anexo C – Questionário Fatores de *Stress* Quotidiano

Anexo D – Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ-Por)

Resumo

A literatura tem demonstrado que a desvantagem económica e social se associa a dificuldades no exercício da parentalidade, com repercussões no desenvolvimento e bem-estar das crianças e adolescentes e no funcionamento familiar. Todavia, a intervenção clínica, preventiva e terapêutica, tem-se mostrado eficaz na melhoria das competências parentais. O presente estudo objetivou compreender a relação entre o funcionamento reflexivo parental, o *stress* parental quotidiano e ajustamento psicológico dos filhos, em famílias de desvantagem económica e social, a residir na zona de Lisboa. A amostra foi constituída por 78 cuidadores, sinalizados por parentalidade de risco, a maioria mães (n = 67), no máximo com 6 filhos. O protocolo de avaliação englobou um Questionário Sociodemográfico, o Questionário de Funcionamento Reflexivo Parental, o Questionário de Fatores de *Stress* Quotidiano e o Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ-Por). Os resultados evidenciaram associações significativas entre as variáveis em estudo, destacando-se: o papel preditor do funcionamento reflexivo parental (pré-mentalização e certeza dos estados mentais) relativamente ao *stress* parental quotidiano e ajustamento psicológico dos filhos; a influência negativa do *stress* parental quotidiano no ajustamento psicológico dos filhos; o papel mediador do *stress* parental quotidiano na relação entre funcionamento reflexivo parental e ajustamento psicológico dos filhos.

Palavras-chave: Desvantagem económica e social; Parentalidade; Funcionamento Reflexivo Parental; *Stress* Parental Quotidiano; Ajustamento Psicológico dos filhos.

Abstract

Empirical literature has shown that economic and social disadvantage is associated with difficulties in parenting, with repercussions on the development and well-being of children and adolescents and on family functioning. However, clinical, as well as preventive and therapeutic intervention have been shown to be effective in improving parental skills. The present study aimed to understand the relationship between parental reflective functioning, daily hassles, and child adjustment, in economically and socially disadvantaged families, living in Lisbon. The sample consisted of 78 caregivers, mostly mothers ($n = 67$), with a maximum of six children, who were flagged for risk parenting. The evaluation protocol included a Sociodemographic Questionnaire, the Parental Reflective Functioning Questionnaire, the Daily Hassles Questionnaire and the Strengths and Difficulties Questionnaire. The results showed significant associations between the variables, including: the predictive role of parental reflective functioning (pre-mentalization and certainty of mental states) in relation to daily hassles and child adjustment; the negative influence of daily hassles on child adjustment; the mediating role of daily hassles in the relationship between parental reflective functioning and child adjustment.

Keywords: Economic and social disadvantage; Parenting; Parental Reflective Functioning; Daily Hassles; Child Adjustment.

Introdução

A parentalidade é multideterminada por fatores como os recursos psicológicos pessoais dos pais, características da criança e recursos contextuais de *stress* e apoio (Belsky, 1984) que têm impacto no desenvolvimento dos filhos. A desvantagem económica e social constitui uma fonte de múltiplos fatores de *stress* (Barbot et al., 2014), tendo, por isso, muito frequentemente, um efeito tóxico na parentalidade (Shelleby, 2018; Stacks, 2014), e muito particularmente nas competências parentais (Vreeland et al., 2019; Shelleby, 2018), o que se repercute negativamente na saúde, bem-estar e ajustamento psicológico dos filhos (Flouri & Midouhas, 2017; Shelleby, 2018).

É, pois, fundamental aprofundar o conhecimento científico sobre parentalidade em contexto de desvantagem económica e social de modo a contribuir para o enriquecimento de práticas preventivas e terapêuticas que permitam reforçar a capacitação familiar e/ou alterar padrões relacionais e de funcionamento inadaptação (Perzow, Bray & Wadsworth, 2018; Stacks, 2014; Michl-Petzing et al., 2019) e evitar a repetição transgeracional de tais padrões (Michl-Petzing et al., 2019).

Neste sentido, pretende-se, no presente estudo, compreender, através de uma amostra de cuidadores parentais em situação de desvantagem económica e social, a relação entre o *stress* parental quotidiano, a competência específica de funcionamento reflexivo parental e o ajustamento psicológico dos filhos.

Parentalidade em Contextos de Desvantagem Económica e Social

A Parentalidade em contexto de pobreza é acompanhada por níveis elevados de *stress* e riscos acrescidos. A forma como os pais respondem ao *stress* relacionado com a pobreza tem implicações importantes no funcionamento familiar (Perzow et al., 2018). A literatura empírica mostra que a desvantagem económica e social está associada a práticas parentais severas (Vreeland et al., 2019; Shelleby, 2018), baixo envolvimento parental (Barbot et al., 2014), maior conflito familiar e conjugal (Conger, Conger & Martin, 2010; Jeon & Neppl, 2016); exposição à violência (Silva et al., 2019) e depressão materna (Shelleby, 2018; Vreeland et al., 2019).

Os aspetos da vida familiar anteriormente referidos têm impacto no ajustamento psicológico dos filhos (Teubert & Pinguart, 2010). As dificuldades económicas da família estão significativamente associadas a problemas emocionais (sintomas de internalização,

e.g., ansiedade e depressão) e comportamentais (sintomas de externalização, e.g., hiperatividade, oposição e agressividade) das crianças e adolescentes (Flouri & Midouhas, 2017; Shelleby, 2018). Contudo, embora exista uma associação entre adversidade económica e funcionamento familiar negativo (Duncan & Brooks-Gunn, 2000), algumas famílias adaptam-se. Ou seja, pode haver características individuais ou familiares protetoras que ajudem a promover a adaptação e a resiliência nas famílias que sofrem *stress* económico (Jeon & Neppl, 2016).

Neste sentido, é relevante, para a intervenção com as famílias que vivem em contextos de desvantagem económica e social, averiguar os processos que explicam a associação entre as dificuldades económicas e o funcionamento familiar, de forma a promover as potencialidades da família e reduzir os fatores de risco, contribuindo para o desenvolvimento saudável das crianças e adolescentes e bem-estar familiar.

Conger, Ge, Elder, Lorenz, & Simons (1994) propuseram um modelo focado na associação entre as dificuldades económicas e o funcionamento familiar – modelo de *stress* familiar (MSF) – que explica o modo como as dificuldades económicas exacerbam o efeito do *stress* no bem-estar individual e familiar. Segundo o MSF, as dificuldades económicas afetam a qualidade das interações familiares e o ajustamento psicológico das crianças e adolescentes por meio da pressão económica. Quando a família experiencia níveis elevados de pressão económica (dificuldade em satisfazer as necessidades materiais; atrasos no pagamento das contas; e cortes nas despesas do dia-a-dia), os pais correm maior risco de sofrimento emocional (e.g., depressão, ansiedade, raiva e alienação) e de problemas comportamentais (e.g., abuso de substâncias e comportamento antissocial) (Conger & Donnellan, 2007). Estes problemas emocionais e comportamentais são preditores de conflito conjugal e de parentalidade inadaptativa (Masarik & Conger, 2017). De acordo com o MSF, as dificuldades económicas têm, assim, um impacto negativo no ajustamento psicológico das crianças, nomeadamente ao nível de problemas de internalização (e.g., depressão e ansiedade), mais acentuado nas raparigas, e de externalização (e.g., comportamento agressivo e antissocial), mais acentuado nos rapazes (Conger & Donnellan, 2007).

***Stress* Parental e Ajustamento Psicológico dos filhos**

O *stress* parental está associado (1) a características da criança e à perceção dos pais sobre o seu comportamento; (2) a características dos pais (e.g., sentido de

competência parental); e (3) a características do contexto (Bloomfield & Kendall, 2012; Stover & Pelletier, 2018) e resulta da discrepância entre as exigências da parentalidade e os recursos pessoais dos pais (Östberg, Hagekull, & Hagelin, 2007; Stover & Pelletier, 2018). Os fatores de *stress* parental quotidiano são entendidos como exigências recorrentes associadas aos filhos e ao exercício da parentalidade (Crnic & Greenberg, 1990; Stover & Pelletier, 2018) e podem afetar o bem-estar e as relações parentais (Crnic, Gaze & Hoffman, 2005; Stover & Pelletier, 2018).

Se, por um lado, alguns fatores podem amortizar o *stress* parental – e.g., apoio social, estratégias de *coping* e comportamentos parentais positivos –, por outro lado, outros contribuem para o exacerbar – e.g., adversidade na vizinhança (Masarik & Conger, 2017) e sintomas depressivos dos pais (Vrijhof et al., 2018). Vários estudos mostram a associação de sintomas depressivos dos pais a conflito conjugal, a comportamentos parentais negativos, bem como a problemas emocionais e comportamentais das crianças e adolescentes (Vrijhof et al., 2018; Roy, Isaia, & Li-Grining, 2019). Os resultados do estudo de Roy et al. (2019) demonstraram que o baixo nível de escolaridade e o desemprego dos pais também estava associado a maior *stress* parental o que, por sua vez, estava positivamente associado a problemas de internalização, externalização e autorregulação dos filhos.

Um estudo de avaliação da mudança na percepção de autoeficácia, após a aplicação de um programa de intervenção parental (Bloomfield & Kendall, 2012), teve por objetivo explorar as mudanças na autoeficácia parental. Os resultados demonstram que o aumento da autoeficácia parental diminui os níveis de *stress* parental, sugerindo que quando os pais se sentem menos confiantes no exercício da sua parentalidade, experienciam níveis elevados de *stress* parental e, por outro lado, pais mais confiantes experienciam níveis reduzidos de *stress* parental. Assim, poderá ser relevante promover a aprendizagem e efetiva execução de comportamentos parentais positivos que desenvolvam a autoeficácia parental, de forma a reduzir o *stress* parental devido ao seu impacto no funcionamento familiar e no desenvolvimento e bem-estar das crianças e adolescentes.

O *stress* parental quotidiano pode afetar o desenvolvimento dos filhos, direta e indiretamente, por meio das práticas parentais. Crnic et al. (2005) verificaram que pais que experienciavam níveis elevados de *stress* parental quotidiano eram mais autoritários, mais negativos nas interações com os filhos, menos envolvidos na vida dos filhos e relatavam níveis mais altos de problemas de comportamento dos filhos, o que pode,

eventualmente, sugerir uma menor compreensão dos pais relativamente ao comportamento e estados emocionais dos filhos (Nijssens et al., 2018).

Funcionamento Reflexivo Parental e Ajustamento Psicológico dos filhos

O Funcionamento Reflexivo Parental (FRP) refere-se à capacidade de os pais refletirem sobre os estados mentais – e.g., intenções, sentimentos, pensamentos, motivações e crenças - dos filhos bem como sobre os seus próprios (Slade, 2005; Rostad & Whitaker, 2016; Nijssens et al., 2018), dando significado aos seus comportamentos, tonando-os compreensíveis e previsíveis (Luyten et al., 2017; Nijssens et al., 2018). O FRP tem três dimensões: (a) pré-mentalização, que se expressa por uma tendência de fazer atribuições desadaptativas e malévolas sobre a criança, frequentemente, combinada com a incapacidade de entrar no mundo subjetivo e interno da criança; (b) certeza sobre estados mentais, a qual pode ser: por excesso – hipermentalizante –, quando os pais aparentam não ter qualquer dúvida sobre os estados mentais dos filhos, o que revela dificuldade no reconhecimento da opacidade dos estados mentais, correspondendo, assim, a uma mentalidade intrusiva (Luyten et al., 2017; Nijssens et al., 2018); ou por défice – hipomentalizante –, quando se verifica incerteza máxima sobre os estados mentais da criança; e (c) curiosidade e interesse sobre os estados mentais, que expressa o interesse genuíno dos pais nos estados mentais da criança (Luyten et al., 2017; Nijssens et al., 2018).

Note-se que níveis intermédios de curiosidade e interesse e também de certeza sobre os estados mentais são mais adaptativos do que níveis baixos, que indicam um insuficiente envolvimento com a criança, ou do que níveis elevados, que apontam para intrusividade e hiper-envolvimento. No que se refere à pré-mentalização, níveis elevados apontam para uma capacidade insuficiente de compreensão dos estados mentais dos filhos (Luyten et al., 2017). Os pais que se caracterizam como tendo baixo FRP parecem não ter consciência dos seus próprios pensamentos e sentimentos e dos dos seus filhos e negam experiências emocionais associadas à parentalidade (Stacks et al., 2014). Por outro lado, os pais com níveis elevados de FRP, estão cientes das próprias emoções e das dos filhos, entendem a forma como os estados mentais afetam o comportamento e entendem a complexidade dos estados mentais (Stacks et al., 2014).

O estudo realizado por Stacks et al., (2014) sobre FRP materno, parentalidade, vinculação e risco demográfico, numa amostra de 83 mães com e sem histórico de maus-tratos na infância, demonstrou uma associação positiva entre FRP, sensibilidade parental e vinculação segura do bebé, e uma associação negativa entre o FRP, risco demográfico e negatividade parental. A sensibilidade parental foi mediadora da relação entre o FRP materno e vinculação segura do bebé, enquanto que a negatividade parental foi mediadora da relação entre o FRP materno e a vinculação insegura do bebé. Os autores referem ainda que níveis elevados de risco demográfico podem exacerbar o *stress* parental quotidiano, reduzindo a capacidade de os pais se envolverem de forma sensível nas interações com os filhos. No mesmo sentido, Luyten et al. (2017) defendem que a pré-mentalização se correlaciona negativamente com o nível educacional e o estatuto ocupacional dos pais, positivamente com sintomas de *stress* e positiva e fortemente com vinculações ansiosas e evitantes. Rostad e Whitaker (2016) realizaram uma investigação com 79 cuidadores e os resultados demonstraram que níveis mais elevados de pré-mentalização estavam associados a menos satisfação parental, menos comunicação e envolvimento com os filhos. Por outro lado, níveis elevados de FRP estavam associados a maior envolvimento e comunicação com a criança, satisfação parental e práticas parentais mais positivas, refletindo-se na qualidade da relação pais-filhos.

O FRP permite que os cuidadores respondam de maneira sensível e adequada às necessidades dos filhos (Rostad & Whitaker, 2016). Esta competência é particularmente importante durante a adolescência dos filhos, na medida em que pode ajudar os pais a entender as mudanças que os filhos adolescentes estão a passar, bem como os sentimentos e pensamentos em resposta a essas mudanças e a encontrar estratégias de *coping* de forma a lidar com conflitos e emoções negativas (Benbassat & Priel, 2012). Benbassat e Priel (2012) constataram que particularmente o funcionamento reflexivo paterno está associado ao funcionamento reflexivo e à competência social dos filhos adolescentes e modera a associação entre determinados comportamentos parentais e os *outcomes* dos adolescentes. Estes resultados podem dever-se ao facto de as interações sociais, no geral, e as relações pais-filhos, em particular, serem importantes para o desenvolvimento da compreensão dos próprios estados mentais e dos outros. Deste modo, o ambiente social e as figuras parentais, são essenciais para o desenvolvimento da reflexividade das crianças e adolescentes. Por outro lado, as respostas negativas e inoportunas dos pais às emoções negativas dos filhos estão associadas a níveis mais baixos de competência social e emocional das crianças e adolescentes. Curiosamente, os autores encontraram também

evidências que o FRP estava associado a níveis mais elevados de problemas de internalização e autopercepção menos positiva dos adolescentes. Estes resultados são inconsistentes com a associação inversa entre FRP materno e a psicopatologia dos filhos, o que poderá estar relacionado a diferenças nos métodos utilizados para avaliar o FRP.

O FRP desempenha um papel importante nas relações familiares. Jessee et al. (2017) realizaram um estudo com o objetivo de examinar a relação entre o FRP e a qualidade das relações conjugal e coparental. Os resultados revelaram que o funcionamento reflexivo materno (mas não o paterno) estava associado à qualidade de ambas as relações, conjugal e coparental.

Os pais que vivem em contextos de desvantagem económica social, revelam dificuldade em refletirem sobre a sua própria parentalidade (Narciso et al., 2018) e baixos níveis de funcionamento reflexivo parental, o que, provavelmente, se deve ao baixo nível de escolaridade, bem como a adversidades ambientais (Stacks, 2014; Narciso et al., 2018). Indivíduos com história de maus-tratos na infância revelam uma tendência geral para evitar pensar em termos de estados mentais, assumindo que não conseguem explicar os seus comportamentos e o dos outros (Berthelot et al., 2019).

A prática de uma parentalidade adaptativa implica como característica essencial o FRP (Nijssens et al., 2018). O seu impacto positivo na parentalidade e no ajustamento psicológico dos filhos, torna pertinente as intervenções focadas no FRP, promovendo a sensibilidade parental e a vinculação das crianças o que, por sua vez, melhora a qualidade das interações pais-filhos (Stacks, 2014; Rostad & Whitaker, 2016; Nijssens et al., 2018). Os pais que não desenvolveram ferramentas cognitivas para pensar em questões relacionadas com a parentalidade podem sentir uma maior dificuldade em gerir os comportamentos desafiantes dos filhos, aumentando a probabilidade de desistirem mais facilmente e se retirarem das interações pais-filhos, usarem estratégias inconsistentes e percecionarem menor autoeficácia parental (Roskam, 2015).

O Presente Estudo

A presente dissertação pretende contribuir para o conhecimento científico sobre a relação entre as variáveis funcionamento reflexivo parental, *stress* parental quotidiano e ajustamento psicológico dos filhos, em contextos de desvantagem económica e social, com vista a enriquecer as práticas preventivas e terapêuticas de intervenção com estas famílias.

Assim, com base na revisão de literatura efetuada, formularam-se as seguintes hipóteses:

H1: o funcionamento reflexivo parental está negativamente associado ao *stress* parental quotidiano (Luyten et al., 2017; Nijssens et al., 2018);

H2: o funcionamento reflexivo parental está positivamente associado ao ajustamento psicológico dos filhos (Benbassat & Priel, 2012; Nijssens et al., 2018);

H3: o *stress* parental quotidiano está negativamente associado ao ajustamento psicológico dos filhos (Conger et al., 1994; Roy et al., 2019; Bloomfield & Kendall, 2012; Crnic et al., 2005);

H4: o funcionamento reflexivo parental e variáveis sociodemográficas relativas ao filho-alvo e à estrutura familiar (idade e sexo do filho-alvo; configuração familiar; número de filhos) são preditores de *stress* parental quotidiano (Crnic & Greenberg, 1990; Luyten et al., 2017; Nijssens et al., 2018) e de ajustamento psicológico dos filhos (Benbassat & Priel, 2012; Stover & Pelletier, 2018);

H5: o *stress* parental quotidiano é mediador da relação entre o funcionamento reflexivo parental e o ajustamento psicológico dos filhos (Luyten et al., 2017; Nijssens et al., 2018).

Metodologia

Abordagem metodológica e desenho de estudo

Em termos metodológicos, este estudo assenta numa abordagem quantitativa de cariz transversal para explorar a relação entre as variáveis: funcionamento reflexivo parental, *stress* parental quotidiano e ajustamento psicológico dos filhos, em cuidadores de contextos em desvantagem económica e social, sinalizados por parentalidade de risco. Assenta num paradigma pós-positivista, onde a visão ontológica de realismo crítico assume que a realidade existe, apesar de ser apreensível de forma imperfeita. Partindo das limitações subjacentes ao intelecto humano e da complexidade da natureza dos fenómenos, o paradigma pós-positivista reconhece a necessidade de se submeter a realidade a uma avaliação crítica, facilitando a sua apreensão, ainda que de forma imperfeita (Guba & Lincoln, 1994).

Questões de Investigação e Objetivos

A questão de investigação “De que forma a variável funcionamento reflexivo parental se relaciona com o *stress* parental quotidiano e o ajustamento psicológico dos filhos?” orienta este estudo, direcionando o olhar para os cuidadores de contextos em desvantagem económica e social. Assim, foram definidos os seguintes objetivos: (1) analisar as relações entre as variáveis acima descritas; (2) analisar o papel preditor do funcionamento reflexivo parental, do *stress* parental quotidiano e de variáveis sociodemográficas relativas ao filho-alvo e à estrutura familiar (idade e sexo do filho-alvo; configuração familiar; número de filhos) relativamente ao ajustamento psicológico dos filhos; (3) analisar o papel mediador do *stress* parental quotidiano na relação entre o funcionamento reflexivo parental e o ajustamento psicológico dos filhos. A Figura 1 ilustra conceptualmente as relações formuladas.

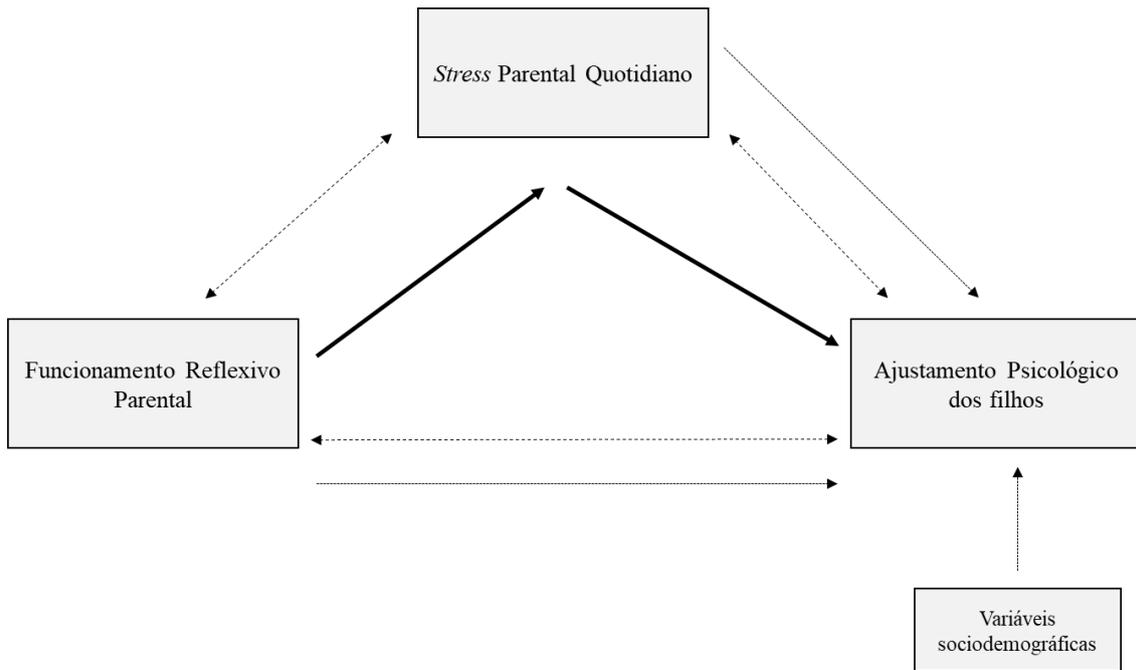


Figura 1. Mapa conceitual. *Nota.* Setas bidirecionais a tracejado – relações de associação; setas unidirecionais a tracejado – preditores de ajustamento psicológico; setas a *bold* – relação de mediação.

Participantes

A amostra do presente estudo é constituída por 78 participantes. Os participantes são cuidadores sinalizados por parentalidade de risco, a maioria do sexo feminino ($n = 67$; 85.9%), com idades compreendidas entre os 18 e os 67 anos ($M = 39.4$, $DP = 10.5$) e com predomínio da etnia caucasiana ($n = 45$; 72.6%). A amostra incluía, ainda, participantes de etnia africana (16.1%), mista (9.7%) e cigana (1.6%). Quanto à naturalidade, 76.8% dos participantes eram de origem portuguesa, 8.9% de origem brasileira, 7.1% de origem cabo-verdiana, havendo ainda uma pequena percentagem de origem angolana (1.8%), moçambicana (1.8%), latina (1.8%) e de leste (1.8%).

Relativamente à escolaridade, 41.6% dos participantes tinham entre o 7º e o 9º ano de escolaridade, 19.5% tinham entre o 10º e 12º ano, 18.2% tinham entre o 5º e 6º anos, 16.8% tinham entre o 0 e o 4º ano, 2.6% com ensino superior e 1.3% com frequência universitária. Aquando da participação na investigação, a maioria dos participantes não se encontrava numa relação conjugal (52.6%), enquanto que 28.2% residiam em coabitação e 19.2% estavam casados. Quanto à configuração familiar, 52.6% dos

participantes pertencia a um agregado familiar monoparental, enquanto que 47.4% pertencia a um agregado familiar biparental.

No caso da situação laboral, a maioria dos participantes encontrava-se desempregada e o rendimento mensal do agregado variava entre os 180 e 1800 euros ($M = 620.97$, $DP = 292.9$). As famílias apresentaram como principal fonte de rendimento, o rendimento social de inserção (53.2%), outras fontes (42.3%) como, por exemplo, abonos e pensões e vencimento mensal fixo (28.2%).

À data da participação na investigação, a maioria dos participantes nunca tinha tido acompanhamento psiquiátrico (70.3%), psicológico (41.3%) ou familiar (86.3%). No entanto, 36% dos participantes tiveram acompanhamento psicológico no passado e 22.7% tinham acompanhamento no momento da participação. Ao nível da religiosidade, a maioria dos participantes (84.6%) denominou-se crente.

No que se refere ao número de filhos, os participantes tinham entre 1 e 6 filhos ($M = 2.3$, $DP = 1.3$). Quanto ao filho-alvo (filho mais velho sinalizado a coabitar no agregado familiar) sobre o qual incidiram as respostas dos participantes ao protocolo, a maioria era do sexo masculino (71.8%), apresentando a seguinte distribuição percentual relativamente à faixa etária: com idades compreendidas entre os 13 e 17 anos (33.3%); 26.9% entre os 10 e os 13 anos; 20.5% entre os 6 e os 9 anos; 19.2% entre 1 e 5 anos. No que concerne à escolaridade, verifica-se que: 34.8% frequentavam o 1º ciclo, 19.7% encontravam-se no 2º ciclo, 15.2% no 3º ciclo, 15.2% frequentavam creche ou pré-escolar, 7.6% frequentavam o ensino secundário, 3% frequentavam cursos de educação e formação (CEF) e 3% ainda não estavam inseridos em equipamento de infância.

Procedimento de Recolha de Dados

A presente dissertação integra-se numa investigação a decorrer no âmbito do Laboratório Associativo *ProChild Against Poverty and Social Exclusion*, cuja missão é o combate à pobreza e à exclusão social na infância, enquadrada numa abordagem científica transdisciplinar que articula os setores público e privado, com o objetivo de quebrar o ciclo de pobreza e promover o bem-estar e os direitos das crianças, através de intervenção multidisciplinar, diversificada e integrada. Este projeto conta com a parceria das Equipas de Apoio à Família da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML) e da Comissão de Proteção de Crianças e Jovens de Lisboa (CPCJ). Contudo, no presente estudo, foi também possível a colaboração do Centro de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental

da Associação Nós-Barreiro. Os dados do presente estudo foram recolhidos, entre junho de 2018 e fevereiro de 2020, pela equipa de investigação do projeto em causa.¹ A maioria dos participantes (n = 68) foram recrutados pelas Equipas de Apoio à Família da SCML, dos restantes, 7 participantes foram contactados pela CPCJ de Lisboa e 3 participantes pelo CAFAP Associação Nós-Barreiro. O técnico gestor do processo das famílias selecionadas pelas instituições supramencionadas, efetuava um primeiro contato com as famílias, no qual fornecia informação sobre a investigação em curso e pedia a sua colaboração voluntária, e, quando a família aceitava participar, era agendada a sessão de aplicação do protocolo de investigação, com a duração média de 120 minutos.

No momento da recolha de dados, realizada em equipamentos da SMCL, da CPCJ e CAFAP Associação-Nós, foram aplicados dois protocolos. O protocolo aplicado aos cuidadores incluía o consentimento informado, com informação sobre a investigação; garantia de confidencialidade e anonimato dos dados; email para possibilidade de acesso a resultados gerais da investigação ou esclarecimentos adicionais; e autorização para a aplicação ser áudio-gravada. O(s) membro(s) da equipa de investigação presentes na aplicação, eram responsáveis por ler o consentimento em voz alta, bem como esclarecer possíveis dúvidas dos participantes. O consentimento informado era lido e assinado pelo participante e era-lhe entregue uma cópia. Este protocolo continha, ainda, um questionário sociodemográfico, um conjunto de questionários e escalas de autorrelato, e uma curta entrevista semiestruturada. A aplicação do protocolo em questão foi executada presencial e oralmente, sendo a equipa de investigação responsável por anotar as respostas dadas pelo participante, salvaguardando assim situações de iliteracia ou dificuldades de interpretação. Com o intuito de facilitar a compreensão das escalas de *Likert* dos instrumentos aplicados, eram apresentadas, aos participantes, régua (ver Anexo A) com imagens criadas para o efeito. O segundo protocolo era preenchido pelo técnico gestor do processo do agregado familiar do participante, em formato papel. Este protocolo era constituído por um conjunto de questionários com o objetivo de recolher informação sobre o motivo da sinalização do agregado familiar, o acompanhamento prestado pela instituição, as expectativas e perceção do técnico sobre a evolução da família e um questionário que avalia as forças e stressores familiares.

¹ A recolha de dados do presente estudo, iria decorrer até final de abril de 2020, contudo, devido ao plano de contingência no âmbito da pandemia COVID-19, tal não foi possível.

No presente estudo, apenas foram utilizados os dados recolhidos através do Questionário Sociodemográfico, do Questionário de Funcionamento Reflexivo Parental, do Questionário de Fatores de *Stress* Quotidiano e do Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ-Por).

Variáveis e Instrumento²

Questionário sociodemográfico. O questionário sociodemográfico visava a recolha de um conjunto de informações acerca do participante e dos filhos, tais como sexo, idade, etnia, escolaridade, naturalidade, situação laboral, situação conjugal passada e atual, religiosidade, acompanhamento psicológico e psiquiátrico, situação financeira, entre outras.

Funcionamento reflexivo parental. A variável funcionamento reflexivo parental foi avaliada através do Questionário de Funcionamento Reflexivo Parental (Luyten et al., 2017; Versão portuguesa: Moreira & Fonseca, em curso). O questionário é constituído por 18 itens respondidos através de uma escala de *Likert* de 7 pontos, variando entre 1 “Discordo Fortemente” e 7 “Concordo Fortemente”. A escala organiza-se em três subescalas: pré-mentalização (e.g., *Quando o meu filho fica rabugento, ele faz isso só para me irritar*); certeza sobre os estados mentais (e.g., *Consigo ler completamente a mente do meu filho*); e curiosidade e interesse nos estados mentais (e.g., *Gosto de pensar nas razões que estão por trás da forma como o meu filho se sente e se comporta*).

Cada subescala foi calculada através da média dos itens correspondentes. Valores elevados na subescala de pré-mentalização evidenciam incapacidade para entrar no mundo subjetivo dos filhos e atribuições malévolas ao comportamento dos filhos. Valores elevados na subescala certeza sobre os estados mentais, sugerem uma tendência de os pais estarem excessivamente certos sobre os estados mentais dos filhos, ou seja, não reconhecendo a opacidade dos estados mentais, enquanto que valores baixos denotam quase completa incerteza ou desconhecimento sobre os estados mentais da criança. Relativamente à subescala curiosidade e interesse nos estados mentais, níveis baixos podem refletir uma falta de interesse nos estados mentais da criança, enquanto níveis elevados podem refletir intrusividade.

² Ver Anexos B, C e D

Luyten et al. (2017), reportaram os seguintes valores de *alfa de Cronbach*, na subescala pré-mentalização (0.70), na subescala certeza sobre os estados mentais (0.82) e, por último, na subescala curiosidade e interesse nos estados mentais (0.75). No presente estudo, a consistência interna foi adequada para as três subescalas ($\alpha_{\text{Pré-Mentalização}} = 0.69$; $\alpha_{\text{Certeza}} = 0.74$; $\alpha_{\text{Curiosidade}} = 0.63$).

Stress parental quotidiano. De forma a avaliar o *stress* parental quotidiano foi utilizada uma subescala do Questionário de Fatores de *Stress* Quotidiano (Kanner et al., 1981; Versão portuguesa: Negrão, Pereira, & Soares, 2009). A subescala é constituída por 20 itens respondidos numa escala de Likert 5 pontos, entre 1 “Nenhum Incómodo” e 5 “Muito Incómodo”. Os itens desta subescala avaliam o grau de incómodo gerado por situações relativas aos filhos e vida familiar (e.g., *Os meus filhos estão constantemente a atrapalhar as minhas atividades*). O *score* total foi calculado através da soma dos 20 itens da subescala utilizada, onde valores mais altos indicam níveis mais elevados de *stress* parental. No presente estudo, a análise de confiabilidade apresentou valores de consistência interna bons (0.79).

Ajustamento psicológico dos filhos. De forma a avaliar a variável ajustamento psicológico dos filhos, utilizou-se o Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ-Por; Goodman, 1997; adaptação portuguesa: Fleitlich, Loureiro, Fonseca, & Gaspar, 2004). Este questionário é constituído por 25 itens respondidos através de uma escala de *Likert* de 3 pontos, variando entre “Não é verdade” e “É muito verdade”. A escala pode organizar-se em cinco subescalas, com 5 itens cada uma: hiperatividade (e.g., *É irrequieto, muito mexido, nunca para quieto*); sintomas emocionais (e.g., *Queixa-se frequentemente de dores de cabeça, dores de barriga ou vómitos*); problemas comportamentais (e.g., *Luta frequentemente com outras crianças, ameaça-as ou intimida-as*); problemas com pares (e.g., *Tem tendência a isolar-se, gosta mais de brincar sozinho*); e comportamento pró-social, (e.g., *É sensível aos sentimentos dos outros*). Contudo, esta escala pode também organizar-se em três subescalas – problemas de internalização (sintomas emocionais + problemas com pares), problemas de externalização (hiperatividade + problemas comportamentais) e comportamentos pró-sociais. É ainda possível considerar apenas o Total de Problemas (problemas de internalização + problemas de externalização).

No presente estudo, foram analisadas as subescalas problemas de internalização e problemas de externalização, bem como o *score* total relativo ao Total de Problemas. No presente estudo, a consistência interna foi adequada para as três subescalas ($\alpha_{\text{Total}} = 0.73$; $\alpha_{\text{Internalização}} = 0.62$; $\alpha_{\text{Externalização}} = 0.80$).

Análise de dados

Os dados recolhidos foram analisados através do programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 26.0 (IBM, SPSS Inc., Armonk, NY). Considerando os objetivos do presente estudo, primeiro avaliou-se a consistência interna das variáveis em causa, seguindo-se uma análise da distribuição das suas frequências e respetivas estatísticas descritivas (médias e desvios-padrão). De referir que, para a consistência interna, consideraram-se valores de alfa de Cronbach adequados quando estes superaram o mínimo de .60 (Nunnally, & Bernstein, 1994).

Após estas análises, efetuou-se uma análise bivariada através da estimação do coeficiente de correlação de Pearson, de forma a estimar as correlações entre as variáveis em estudo. Já para a variável idade do filho-alvo, e a sua relação com as restantes variáveis, calculou-se o coeficiente de correlação de *Spearman*, por se tratar de uma variável expressa em escala ordinal. Seguindo as indicações de Cohen (1988), correlações fortes ocorrem sempre que o valor dos coeficientes supera .50 e correlações fracas assentam em valores inferiores a .30.

Após estas análises preliminares de cariz uni e bivariado, realizou-se através de um modelo de regressão linear, a análise de mediação. Para tal, recorreu-se à macro PROCESS (v. 3.4) para SPSS proposta por Hayes (2013). Através desta macro, foi possível analisar se a variável *stress* parental quotidiano vai mediar a relação entre o funcionamento reflexivo parental e o ajustamento psicológico dos filhos, mas também averiguar o valor preditivo da variável independente (funcionamento reflexivo parental) na variável mediadora (*stress* parental quotidiano) e de ambas na variável dependente (ajustamento psicológico). O efeito de mediação foi estimado pela análise do efeito indireto. A significância deste efeito foi estimada através de 10000 *bootstraps* que originaram um intervalo de confiança de 95%. A significância do efeito indireto ocorreu quando o intervalo de confiança não integrava o 0 entre os seus limites. De referir, ainda, que a estimação deste modelo de regressão com inclusão de uma mediação simples

efetuou-se através do modelo 4. Em função da dimensão da amostra, e com o intuito de reforçar a precisão dos coeficientes de regressão, o número de participantes considerado para cada variável preditora foi de 10 (Peduzzi, Concato, Feinstein, & Holford, 1995). Adicionalmente, apesar de na análise bivariada se terem analisado as associações, incluindo os scores de externalização e internalização, para reduzir o número de modelos de regressão linear a serem estimados, reforçando a sua precisão, o ajustamento psicológico dos filhos (variável dependente) foi medido apenas através do seu *score* total.

No presente estudo, a percentagem de *missings* de funcionamento reflexivo parental foi de 3.8%, de *stress* parental variou entre 5.1% e 7.7% e de ajustamento psicológico dos filhos variou entre 23.1% e 24.4%. Apesar dos valores de *missings* serem reduzidos nas variáveis funcionamento reflexivo e *stress* parental, estes foram mais elevados para a variável ajustamento psicológico dos filhos. Assim, para definir a estratégia de imputação de *missings*, averiguou-se se o seu padrão era totalmente aleatório (MCAR) através da estimação do teste de Little (1988). O resultado obtido ilustrou, pela sua não significância, que efetivamente os *missings* apresentaram um padrão MCAR ($\chi^2(360) = 354.321, p = .575$). Este elemento, assim como um padrão adequado de distribuição normal dos itens que integram as diferentes variáveis analisado através dos gráficos Q-Q, levou a uma estratégia de imputação com a média, permitindo a utilização de todos os casos disponíveis na amostra.

De referir, ainda, que os principais pressupostos associados aos modelos lineares, nos quais se baseiam as análises em causa foram testados. Especificamente, avaliou-se 1) a distribuição normal dos resíduos através das representações gráficas Q-Q, onde a adequabilidade da distribuição normal ficou demonstrada pelo facto de existir uma concentração de valores observados em torno de 0; 2) o nível de correlação entre resíduos (Durbin-Watson = 1.54) e a existência de multicolinearidade ($1 < \text{valores de VIF} < 1.48$ e $0.67 < \text{valores de tolerância} < 1$). Com base nas indicações de Hayes (2013) os pressupostos acima referidos foram cumpridos.

Resultados

Análise bivariada

A caracterização descritiva das variáveis, assim como o seu padrão correlacional estão presentes no Quadro 1. Podemos verificar que a pré-mentalização se

correlaciona de forma direta, moderada e significativa com o *stress* parental quotidiano, o total de problemas dos filhos e com os seus comportamentos de externalização. Relativamente à curiosidade e interesse nos estados mentais, observou-se uma correlação direta, significativa, embora fraca, com a certeza sobre os estados mentais. Contudo, as duas variáveis anteriormente mencionadas não se correlacionam com mais nenhuma variável em estudo. Devido à proposta teórica feita pelos autores, sugerindo que estas duas subescalas apresentam um comportamento curvilíneo, complementou-se esta análise com a estimação de relações adicionais não lineares entre estas variáveis e as restantes. Nenhuma destas se revelou adequada, mantendo-se a sua expressão linear como a mais ajustada.

No que concerne ao *stress* parental quotidiano, este correlacionou-se de forma direta, moderada e significativa com os comportamentos de externalização e o total de problemas dos filhos. Já o total de problemas dos filhos correlacionou-se de forma direta, forte e significativa, como esperado, com os problemas de externalização e de internalização. Contrariamente ao expectável, os problemas de internalização não se correlacionaram com nenhuma variável para além da indicada anteriormente.

Quando os filhos são do sexo feminino, os níveis de *stress* parental quotidiano são maiores, comparativamente ao sexo masculino. A idade do filho-alvo, o número total de filhos e a configuração familiar não se correlacionaram com nenhuma das variáveis em estudo.

Quadro 1.

Estatística descritiva e correlações bivariadas para as variáveis em estudo e variáveis sociodemográficas (N = 78)

Variável	M(DP) [min-max]	1	2	3	4	5	6	7	8	9 ^a	10
1. Pré-mentalização	1.94(1.04) [1-7]	-									
2. Curiosidade e interesse nos estados mentais	5.64(1) [3-7]	0.05	-								
3. Certeza sobre os estados mentais	4.53(1.24) [1.67-6.83]	-0.09	0.26*	-							
4. <i>Stress</i> Parental Quotidiano	35.42(10.35) [20-64]	0.42***	0.17	-0.23*	-						
5. Total de problemas	11.48(4.91) [2-25]	0.38***	0.04	-0.09	0.44**	-					
6. Externalização	6.90(3.78) [0-16]	0.36***	0.02	-0.18	0.46***	0.83***	-				
7. Internalização	4.58(2.76) [0-11]	0.19	0.04	0.08	0.14	0.64***	0.11	-			
8. Sexo do filho-alvo	1.72(0.45) [1-2]	0.04	0.01	-0.03	-0.25*	-0.11	-0.06	-0.11	-		
9. Idade do filho-alvo ^a	2.74(1.12) [1-4]	0.06	-0.05	-0.17	-0.21	0.07	-0.02	0.09	0.29**	-	
10. N° total de filhos	1.55(0.50) [1-2]	-0.10	-0.08	-0.03	-0.12	-0,06	-0.08	-0,003	0.10	0.47***	-
11. Configuração familiar	1.53(0.50) [1-2]	-0.03	0.07	-0.19	0.06	0.030	-0.11	0.19	0.03	-0,05	-0.06

Nota. *** $p < .001$; ** $p < .01$; * $p < .05$. Para as correlações que integram variáveis dicotômicas, o valor na tabela é atribuído para a categoria sexo masculino (sexo do filho-alvo) e família monoparental (configuração familiar).

^a A correlação entre a Idade do filho-alvo e as restantes variáveis efetuou-se através do coeficiente de *Spearman*, por se tratar de uma variável expressa em escala ordinal.

Modelo de regressão linear: identificação de preditores

Através da macro PROCESS, estimou-se um modelo de regressão linear com inclusão de um mediador, cujos resultados foram ajustados em função do sexo do filho-alvo. Esta variável impactou de forma significativa o *stress* parental quotidiano, ilustrando menores níveis de *stress* quando o filho-alvo é do sexo masculino. Paralelamente, apenas a pré-mentalização e a certeza dos estados mentais se constituem enquanto preditores significativos do *stress* parental quotidiano. O primeiro contribuindo para o seu acréscimo, já o segundo para o seu decréscimo. No que concerne ao ajustamento psicológico dos filhos, apenas a pré-mentalização e o *stress* parental quotidiano se constituíram enquanto preditores. Este modelo mostrou-se adequado para explicar o ajustamento psicológico dos filhos (consultar Quadro 2).

Quadro 2.

Estimativas não estandardizadas do modelo de regressão linear entre as variáveis em estudo (N=78)

Preditores	Variáveis dependentes			$F_{(3,74)}$	p	R^2
	Passo 1 (VI > VM)	Passo 2 (VI e VM > VD)	Ajustamento			
	Stress Parental $B(EP)$	Ajustamento Psicológico dos filhos $B(EP)$				
Bloco 1						
Sexo do filho-alvo	-5.97 (2.30)*	-.45 (1.15)				
Pré-mentalização	4.27 (1.00)***	1.16 (.54)*	7.75	< .001	.24	
Stress Parental Quotidiano		.15 (.06)*				
Bloco 2						
Sexo do filho-alvo	-5.66 (2.52)*	-.03 (1.17)				
Curiosidade e Interesse	1.73 (1.14)	-.15 (.52)	5.83	< .001	.19	
Stress Parental Quotidiano		.21 (.05)***				
Bloco 3						
Sexo do filho-alvo	-5.77 (2.48)*	-.05 (1.18)				
Certeza dos Estados Mentais	- 1.94 (.91)*	.02 (.43)	5.80	< .001	.19	
Stress Parental Quotidiano		.21 (.05)***				

Nota: No primeiro passo cada bloco de preditores foi regredido na variável mediadora *stress* parental quotidiano. No segundo passo cada bloco de preditores foi regredido na variável dependente, ajustamento psicológico dos filhos. Os valores de F , a sua significância e o coeficiente de determinação (R^2) correspondem ao passo 2.

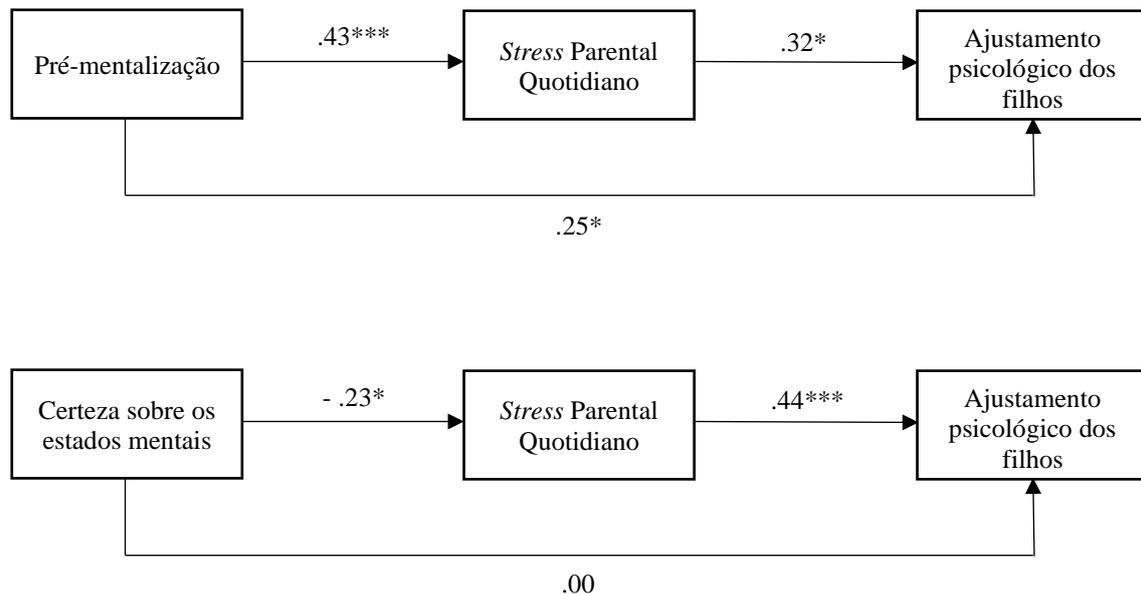
*** $p < .001$; ** $p < .01$; * $p < .05$

Mediação simples: testagem do efeito indireto

O impacto da pré-mentalização no ajustamento psicológico dos filhos ocorreu através do *stress* parental quotidiano ($\beta = .14$, $EP = .06$, 95% IC [.05, .27]). O efeito indireto foi significativo e positivo revelando que esse impacto se traduziu num acréscimo de *stress* parental quotidiano, o que revelou um pior ajustamento psicológico dos filhos. Os resultados demonstraram, ainda, um efeito indireto negativo e significativo entre a certeza dos estados mentais e o ajustamento psicológico dos filhos através do *stress* parental quotidiano ($\beta = -.10$, $EP = .05$, 95% IC [-.21, -.01]). Este resultado sugere que níveis mais elevados de certeza sobre os estados mentais dos filhos se associam a um decréscimo de *stress* parental quotidiano que, por seu turno, ilustram uma melhoria nos níveis de ajustamento psicológico dos filhos.

Figura 2.

Coefficientes de regressão estandardizados para o modelo de mediação simples entre as variáveis em estudo



Nota. Modelo de mediação simples das variáveis independentes (pré-mentalização e certeza sobre os estados mentais), mediadora (*stress* parental quotidiano) e dependente (ajustamento psicológico dos filhos), com coeficientes estandardizados e erros padrão entre parênteses. Efeito total: Pré-Mentalização ($B = 1.82$, $EP = .50$, $p < .001$); Certeza ($B = -.38$, $EP = .45$, $p = .40$; *** $p < .001$; ** $p < .01$; * $p < .05$).

Discussão

O presente estudo teve como principal objetivo perceber a relação entre as variáveis funcionamento reflexivo parental, *stress* parental quotidiano e ajustamento psicológico dos filhos, considerando o seu impacto na parentalidade, direcionando o olhar para os cuidadores de contextos em desvantagem económica e social.

A primeira hipótese - *o funcionamento reflexivo parental está negativamente associado ao stress parental quotidiano* - foi parcialmente confirmada, uma vez que nem todas as dimensões do funcionamento reflexivo parental se associaram significativamente ao *stress* parental quotidiano. Os resultados sugeriram uma associação positiva entre a pré-mentalização e o *stress* parental quotidiano, sugerindo, em coerência com estudos empíricos prévios, que a menor compreensão dos estados emocionais e do comportamento dos filhos (Nijssens et al., 2018) se relaciona a níveis mais elevados de *stress* parental quotidiano (Luyten et al., 2017). No mesmo sentido, Crnic et al. (2005) verificaram a sua associação a práticas parentais mais autoritárias, negatividade nas interações pais-filhos, menos envolvimento parental e problemas de comportamento dos filhos.

Os resultados confirmam também parcialmente a segunda hipótese – *o funcionamento reflexivo parental está positivamente associado ao ajustamento psicológico dos filhos* –, na medida em que a pré-mentalização se associou positivamente com o total de problemas dos filhos e com os seus comportamentos de externalização. Este resultado é consistente com os resultados do estudo de Benbassat e Priel (2012), indicando que o FRP paterno está associado à competência social e ao funcionamento reflexivo dos filhos e modera a relação entre determinados comportamentos parentais e o ajustamento psicológico dos filhos. Tal pode dever-se ao facto de as interações sociais, principalmente, as interações pais-filhos serem essenciais para o desenvolvimento da compreensão dos próprios estados mentais e dos outros. Por outro lado, a negatividade parental perante as emoções negativas dos filhos relaciona-se a baixa competência social e emocional das crianças e adolescentes. Neste sentido, a associação entre a pré-mentalização e o pior ajustamento psicológico dos filhos pode sugerir a existência de negatividade parental, baixa qualidade das relações entre pais e filhos e baixa competência social dos filhos nas famílias que participaram no presente estudo, o que torna pertinente potenciar o desenvolvimento do funcionamento reflexivo parental na intervenção com estas famílias.

A terceira hipótese foi parcialmente confirmada – *o stress parental quotidiano está negativamente associado ao ajustamento psicológico dos filhos* –, visto que se verificaram associações significativas entre o *stress* parental quotidiano, os comportamentos de externalização e o total de problemas dos filhos. As famílias que vivem em contextos de desvantagem económica e social experienciam níveis elevados de *stress* parental (Conger et al., 1994), que pode ser exacerbado por características sociodemográficas – e.g., baixo nível de escolaridade e desemprego dos pais, adversidade na vizinhança –, sintomas depressivos dos pais e baixa autoeficácia parental, entre outros (Masarik & Conger, 2017; Vrijhof et al., 2018; Roy et al., 2019; Bloomfield & Kendall, 2012). Por sua vez, níveis elevados de *stress* parental, podem afetar o desenvolvimento e ajustamento psicológico dos filhos, direta ou indiretamente, por meio das práticas parentais (Bloomfield & Kendall, 2012). Assim, associações positivas entre *stress* parental e problemas de externalização e internalização têm sido constatadas em vários estudos empíricos (Roy et al., 2019; Crnic et al., 2005).

Os resultados do presente estudo confirmaram parcialmente a quarta hipótese - *o funcionamento reflexivo parental e variáveis sociodemográficas relativas ao filho-alvo e à estrutura familiar (idade e sexo do filho-alvo; configuração familiar; número de filhos) são preditores de stress parental quotidiano e de ajustamento psicológico dos filhos*. Os resultados evidenciam que a pré-mentalização se constituiu como preditor do *stress* parental quotidiano, contribuindo para o seu acréscimo. Ou seja, a tendência dos pais para fazerem atribuições desadaptativas e malévolas sobre os comportamentos dos filhos, frequentemente, combinada com a incapacidade de entrar no seu mundo subjetivo e interno (Luyten et al., 2017), contribui para o aumento das exigências recorrentes associadas aos filhos e ao exercício da parentalidade (Crnic & Greenberg, 1990; Stover & Pelletier, 2018). Estes resultados são, pois, consonantes com a literatura científica que revela associações positivas entre a pré-mentalização e o *stress* parental (Luyten et al., 2017). Por outro lado, a certeza sobre os estados mentais foi também preditor de *stress* parental quotidiano, contribuindo para o seu decréscimo. Este resultado pode significar que níveis adaptativos de certeza sobre os estados mentais dos filhos contribuem de alguma forma para a redução das exigências recorrentes associadas à parentalidade e aos filhos (Crnic & Greenberg, 1990; Stover & Pelletier, 2018). No que concerne ao ajustamento psicológico dos filhos, apenas a pré-mentalização e o *stress* parental quotidiano se constituíram enquanto preditores. Estes resultados são também consistentes com a revisão de literatura, apontando para a existência de associações negativas entre a

pré-mentalização e o ajustamento dos filhos, por meio das práticas parentais (Benbassat & Priel, 2012) e associações positivas entre o *stress* parental e os problemas de internalização e de externalização dos filhos (Roy et al., 2019).

No que diz respeito às associações entre as variáveis sociodemográficas (idade e sexo do filho-alvo; configuração familiar; número de filhos), e as restantes variáveis em estudo (funcionamento reflexivo parental; *stress* parental quotidiano; ajustamento psicológico dos filhos), apenas se verificaram associações significativas entre o sexo do filho-alvo e o *stress* parental quotidiano. O sexo do filho-alvo impactou de forma significativa o *stress* parental quotidiano, ilustrando menores níveis de *stress* quando o filho-alvo é do sexo masculino. Este resultado não é consistente com o estudo de Crouch et al. (2019) indicando que os pais que relatavam níveis mais elevados de *stress* parental tinham ao seu cuidado filhos do sexo masculino. Ainda, os resultados de outro estudo referem também que os filhos do sexo masculino são mais suscetíveis ao *stress* parental dos pais, afetando o seu desenvolvimento cognitivo e a linguagem (Harewood, Vallotton & Brophy-Herb, 2017). Eventualmente, os nossos resultados, apontando maior *stress* parental quando o filho é do sexo masculino, podem ser explicados pelo facto de a variável em estudo ser o *stress* parental quotidiano – e não o *stress* parental decorrente sobretudo de características da criança, de características dos cuidadores ou da interação pais-filhos. Assim, se as raparigas estão mais associadas ao *stress* parental quotidiano, tal poderá sugerir uma maior preocupação quotidiana com as filhas, o que explicaria níveis mais elevados de *stress* quotidiano.

Finalmente, a quinta e última hipótese – *o stress parental quotidiano é mediador da relação entre o funcionamento reflexivo parental e o ajustamento psicológico dos filhos* –, foi confirmada. A pré-mentalização teve impacto no ajustamento psicológico dos filhos, por meio do *stress* parental quotidiano, consistindo num acréscimo de *stress* parental quotidiano, o que revelou um pior ajustamento psicológico dos filhos. Este resultado vai ao encontro da revisão de literatura efetuada, indicando a existência de associações positivas entre a pré-mentalização e o *stress* parental (Luyten et al., 2017). Assim, uma menor compreensão dos pais relativamente ao comportamento e estados emocionais dos filhos (Nijssens et al., 2018) traduz-se em níveis mais elevados de *stress* parental quotidiano, o que, por sua vez, se reflete em mais problemas de comportamento dos filhos, nomeadamente, por meio de práticas parentais menos adaptativas (Crnic et al., 2005). Os resultados do presente estudo demonstraram, ainda, que níveis mais elevados de certeza sobre os estados mentais dos filhos se associam a um decréscimo de *stress*

parental quotidiano, o que, por seu turno, contribui para uma melhoria nos níveis de ajustamento psicológico dos filhos. Níveis adaptativos de certeza sobre os estados mentais podem indicar compreensão, por parte dos pais, das próprias emoções e das dos filhos e do impacto dos estados mentais no comportamento dos filhos (Stacks et al., 2014), o que, por seu turno, reduz os níveis de *stress* associado à parentalidade, uma vez que pais mais confiantes no exercício da sua parentalidade experienciam níveis reduzidos de *stress* parental (Bloomfield & Kendall, 2012), contribuindo para a melhoria do ajustamento psicológico dos filhos, nomeadamente, através de práticas parentais mais positivas.

Limitações do Estudo

O presente estudo comporta algumas limitações que devem ser consideradas. A nível metodológico, importa salientar o carácter transversal do estudo, o que impediu que se estabelecessem relações de causalidade entre as variáveis em estudo, por os dados serem relativos ao momento único da recolha. Neste sentido, em estudos futuros, é importante recorrer a uma metodologia longitudinal, de forma a aprofundar o conhecimento sobre as associações entre as variáveis e perceber como se comportam ao longo do tempo.

Outra limitação que deve ser tida em conta remete para as características da amostra, abrangendo, maioritariamente, cuidadores do sexo feminino com filhos do sexo masculino. Ainda, o processo de recolha de dados foi moroso e difícil, na medida em que grande parte dos participantes não compareceu à sessão de aplicação do protocolo, o que teve repercussões na dimensão da amostra, sendo que o número de participantes se constitui muito inferior ao que se previa inicialmente. Por sua vez, a dimensão reduzida da amostra impediu análises estatísticas mais robustas.

O procedimento de recolha de dados afigurou-se também como uma limitação, no sentido em que as famílias que participaram no estudo são alvo de intervenção, na grande maioria, da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e das restantes instituições que colaboraram na presente investigação e algumas destas famílias estão sinalizadas pela Comissão de Proteção de Crianças e Jovens de Lisboa. Esta condição, acrescida ao facto de algumas destas famílias beneficiarem de apoios económicos e sociais e de o protocolo ser aplicado oralmente, pode refletir-se numa perceção por parte dos participantes de que estão a ser “avaliados”, ou que o investigador possa transmitir alguma informação que

surja aquando da aplicação do protocolo e que a transmita aos técnicos das instituições em causa, apesar da garantia de confidencialidade. Para além disso, as sessões de aplicação do protocolo realizaram-se nas instalações das instituições referenciadoras. Assim sendo, é provável que alguns dos participantes não tenham sido totalmente sinceros nas suas respostas, ocorrendo, assim, um efeito de desejabilidade social.

Considerando a complexidade do exercício da parentalidade e do funcionamento familiar, a não aplicação de instrumentos às crianças e adolescentes das famílias que participaram no presente estudo constitui também uma limitação.

Por último, uma outra limitação a considerar é o facto de a validação do questionário do funcionamento reflexivo parental ainda estar em curso, para a população portuguesa.

Apesar das suas limitações, o presente estudo contribui para o aprofundamento e reflexão do conhecimento científico sobre o funcionamento reflexivo parental e o *stress* parental quotidiano e o seu impacto na qualidade da parentalidade e no ajustamento psicológico das crianças e adolescentes, em contextos de desvantagem económica e social. Assim, existem algumas considerações a ter em conta em investigações futuras e implicações para a intervenção clínica, preventiva e terapêutica.

Contributos para a Intervenção e Estudos Futuros

Investigações futuras beneficiariam em considerar uma amostra de maior dimensão, de modo a ser mais representativa das famílias em contexto de desvantagem económica e social. Ainda, estudos de cariz longitudinal podem ser úteis para explorar possíveis relações de causalidade entre as variáveis e perceber qual o impacto do funcionamento reflexivo parental e do *stress* parental quotidiano no ajustamento psicológico dos filhos e no funcionamento familiar, a longo prazo. Em estudos futuros, também poderá ser relevante considerar outras variáveis parentais (e.g., atribuições parentais, psicopatologia dos pais) e explorar possíveis associações com as variáveis do presente estudo. No mesmo sentido, poderá ser pertinente o uso de instrumentos que avaliem o ajustamento psicológico dos filhos, aplicados aos próprios e também a outras fontes (e.g., professores).

No que concerne à intervenção com famílias em contexto de desvantagem económica e social, pode ser benéfica a inclusão do questionário do funcionamento

reflexivo parental, aquando da avaliação das competências parentais, prévia à planificação da intervenção, de modo a direccionar a intervenção no sentido do desenvolvimento desta competência. A reflexão conjunta entre os técnicos que intervêm com as famílias acompanhadas pelas instituições que colaboraram no presente estudo e os cuidadores, acerca dos fatores que exacerbam o *stress* relacionado à parentalidade, bem como da importância da compreensão dos estados mentais e interpretação do comportamento dos filhos, e o seu impacto no bem-estar individual e familiar e o desenvolvimento dos filhos, poderá promover uma parentalidade mais positiva. Ainda, a prestação de apoios económicos poderá ser importante no que diz respeito ao alívio da pressão económica experienciada pelas famílias, o que poderá permitir uma maior permeabilidade à intervenção e maior disponibilidade em abordar questões relacionadas à parentalidade.

Intervenções focadas na parentalidade são uma forma eficaz de melhorar a saúde, o bem-estar e o desenvolvimento dos filhos. A parentalidade é influenciada por muitos fatores, incluindo o comportamento e as características da criança, a saúde e o bem-estar psicológico dos pais e as influências contextuais de *stress* e apoio percebido. As dificuldades relacionadas com a parentalidade são uma fonte de *stress* parental, enquanto que a autoeficácia parental tem demonstrado amortizar o *stress* parental. Programas parentais que se foquem no desenvolvimento desta competência e outras relacionadas com a parentalidade positiva, pode ser benéfico para famílias que vivem em contextos de desvantagem económica e social.

Conclusão

Em conclusão, os resultados do presente estudo, apontam para a pertinência de promover competências parentais adaptativas, na intervenção psicossocial e terapêutica com as famílias que vivem em contexto de desvantagem económica e social. O facto de estes contextos comportarem múltiplos fatores de *stress* (Barbot et al., 2014), traduz-se, frequentemente, numa parentalidade menos ótima (Shelleby, 2018; Stacks et al., 2014), com repercussões negativas na saúde, bem-estar e ajustamento psicológico das crianças e adolescentes, e no funcionamento familiar (Flouri & Midouhas, 2017; Shelleby, 2018; Duncan & Brooks-Gunn, 2000; Conger & Donnellan, 2007). Todavia, existem características individuais e familiares protetoras que promovem a adaptação e a

resiliência nas famílias com níveis elevados de *stress* associado à desvantagem económica e social (Jeon & Neppl, 2016).

Neste sentido, é importante aprofundar os processos que explicam a associação entre a desvantagem económica e social e o funcionamento familiar.

Referências Bibliográficas

- Barbot, B., Crossman, E., Hunter, S. R., Grigorenko, E. L., & Luthar, S. S. (2014). Reciprocal influences between maternal parenting and child adjustment in a high-risk population: A 5-year cross-lagged analysis of bidirectional effects. *American Journal of Orthopsychiatry*, *84*(5), 567. doi:10.1037/ort0000012
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child development*, 83-96.
- Benbassat, N., & Priel, B. (2012). Parenting and adolescent adjustment: The role of parental reflective function. *Journal of adolescence*, *35*(1), 163-174. doi:10.1016/j.adolescence.2011.03.004
- Berthelot, N., Lemieux, R., Garon-Bissonnette, J., Lacharité, C., & Muzik, M. (2019). The protective role of mentalizing: reflective functioning as a mediator between child maltreatment, psychopathology and parental attitude in expecting parents. *Child abuse & neglect*, *95*, 104065. doi:10.1016/j.chiabu.2019.104065
- Bloomfield, L., & Kendall, S. (2012). Parenting self-efficacy, parenting stress and child behaviour before and after a parenting programme. *Primary health care research & development*, *13*(4), 364-372. doi:10.1017/S1463423612000060
- Cohen, J. (1988). *Statistical Power Analysis for the Behavioral Sciences* (2nd ed.). Hillsdale, NJ: *Lawrence Erlbaum Associates, Publishers*.
- Conger, R. D., & Donnellan, M. B. (2007). An interactionist perspective on the socioeconomic context of human development. *Annu. Rev. Psychol.*, *58*, 175-199. doi:10.1146/annurev.psych.58.110405.085551
- Conger, R. D., Conger, K. J., & Martin, M. J. (2010). Socioeconomic status, family processes, and individual development. *Journal of Marriage and Family*, *72*(3), 685-704. doi: 10.1111/j.1741-3737.2010.00725.x
- Conger, R. D., Ge, X., Elder Jr, G. H., Lorenz, F. O., & Simons, R. L. (1994). Economic stress, coercive family process, and developmental problems of adolescents. *Child development*, *65*(2), 541-561.

- Crnic, K. A., & Greenberg, M. T. (1990). Minor parenting stresses with young children. *Child development*, *61*(5), 1628-1637.
- Crnic, K. A., Gaze, C., & Hoffman, C. (2005). Cumulative parenting stress across the preschool period: Relations to maternal parenting and child behaviour at age 5. *Infant and Child Development: An International Journal of Research and Practice*, *14*(2), 117-132. doi:10.1002/icd.384
- Crouch, E., Radcliff, E., Brown, M., & Hung, P. (2019). Exploring the association between parenting stress and a child's exposure to adverse childhood experiences (ACEs). *Children and youth services review*, *102*, 186-192. doi:10.1016/j.chilyouth.2019.05.019
- Duncan, G. J., & Brooks-Gunn, J. (2000). Family poverty, welfare reform, and child development. *Child development*, *71*(1), 188-196.
- Flouri, E., & Midouhas, E. (2017). Environmental adversity and children's early trajectories of problem behavior: The role of harsh parental discipline. *Journal of family psychology*, *31*(2), 234. doi:10.1037/fam0000258
- Goodman, R. (1997). The Strengths and Difficulties Questionnaire: a research note. *Journal of child psychology and psychiatry*, *38*(5), 581-586.
- Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of Qualitative Research* (pp. 105-117). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Harewood, T., Vallotton, C. D., & Brophy-Herb, H. (2017). More than just the breadwinner: The effects of fathers' parenting stress on children's language and cognitive development. *Infant and Child Development*, *26*(2), e1984. doi:10.1002/icd.1984
- Hayes, A. F. (2013). *Methodology in the social sciences. Introduction to mediation, moderation, and conditional process analysis: A regression-based approach.* Guilford Press.

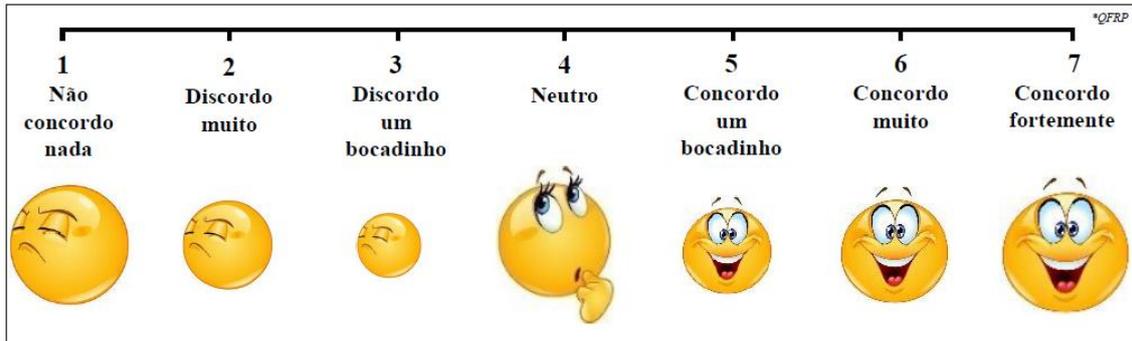
- Jeon, S., & Neppl, T. K. (2016). Intergenerational continuity in economic hardship, parental positivity, and positive parenting: The association with child behavior. *Journal of Family Psychology, 30*(1), 22. doi:10.1037/fam0000151
- Jessee, A., Mangelsdorf, S. C., Wong, M. S., Schoppe-Sullivan, S. J., Shigeto, A., & Brown, G. L. (2018). The role of reflective functioning in predicting marital and coparenting quality. *Journal of Child and Family Studies, 27*(1), 187-197. doi:10.1007/s10826-017-0874-6
- Kanner, A. D., Coyne, J. C., Schaefer, C., & Lazarus, R. S. (1981). Comparison of two modes of stress measurement: Daily hassles and uplifts versus major life events. *Journal of behavioral medicine, 4*(1), 1-39.
- Luyten, P., Mayes, L. C., Nijssens, L., & Fonagy, P. (2017). The parental reflective functioning questionnaire: Development and preliminary validation. *PLoS one, 12*(5), e0176218. doi:10.1371/journal.pone.0176218
- Masarik, A. S., & Conger, R. D. (2017). Stress and child development: A review of the Family Stress Model. *Current Opinion in Psychology, 13*, 85-90. doi:10.1016/j.copsyc.2016.05.008
- Michl-Petzing, L. C., Handley, E. D., Sturge-Apple, M., Cicchetti, D., & Toth, S. L. (2019). Re-examining the “cycle of abuse”: Parenting determinants among previously maltreated, low-income mothers. *Journal of family psychology, 33*(6), 742. doi:10.1037/fam0000534
- Narciso, I., Relvas, A. P., Ferreira, L. C., Vieira-Santos, S., Fernandes, M., de Santa-Bárbara, S., & Machado, I. (2018). Mapping the “good mother”—Meanings and experiences in economically and socially disadvantaged contexts. *Children and Youth Services Review, 93*, 418-427. doi:10.1016/j.childyouth.2018.08.029
- Nijssens, L., Bleys, D., Casalin, S., Vliegen, N., & Luyten, P. (2018). Parental attachment dimensions and parenting stress: The mediating role of parental reflective functioning. *Journal of Child and Family Studies, 27*(6), 2025-2036. doi:10.1007/s10826-018-1029-0

- Nunnally, J. C., & Bernstein, I. H. (1994). *Psychometric theory* (3rd ed.). New York, NY: *Mcgraw-Hill*.
- Östberg, M., Hagekull, B., & Hagelin, E. (2007). Stability and prediction of parenting stress. *Infant and Child Development: An International Journal of Research and Practice*, *16*(2), 207-223. doi:10.1002/icd.516
- Peduzzi, P., Concato, J., Feinstein, A. R., & Holford, T. R. (1995). Importance of events per independent variable in proportional hazards regression analysis II. Accuracy and precision of regression estimates. *Journal of clinical epidemiology*, *48*(12):1503-1510.
- Perzow, S. E., Bray, B. C., & Wadsworth, M. E. (2018). Financial stress response profiles and psychosocial functioning in low-income parents. *Journal of Family Psychology*, *32*(4), 517. doi:10.1037/fam0000403
- Roskam, I. (2015). Enhancing positive parenting through metacognition with the program 'Lou & us'. *Journal of Child and Family Studies*, *24*(8), 2496-2507. doi: 10.1007/s10826-014-0052-z
- Rostad, W. L., & Whitaker, D. J. (2016). The association between reflective functioning and parent–child relationship quality. *Journal of Child and Family Studies*, *25*(7), 2164-2177. doi:10.1007/s10826-016-0388-7
- Roy, A. L., Isaia, A., & Li-Grining, C. P. (2019). Making meaning from money: Subjective social status and young children's behavior problems. *Journal of Family Psychology*, *33*(2), 240.
- Shelleby, E. C. (2018). Economic stress in fragile families: pathways to parent and child maladjustment. *Journal of Child and Family Studies*, *27*(12), 3877-3886. doi:10.1007/s10826-018-1232-z
- Silva, E. P., Ludermir, A. B., de Carvalho Lima, M., Eickmann, S. H., & Emond, A. (2019). Mental health of children exposed to intimate partner violence against their mother: A longitudinal study from Brazil. *Child abuse & neglect*, *92*, 1-11. doi:10.1016/j.chiabu.2019.03.002

- Slade, A. (2005). Parental reflective functioning: An introduction. *Attachment & human development*, 7(3), 269-281. doi:10.1080/14616730500245906
- Stacks, A. M., Muzik, M., Wong, K., Beeghly, M., Huth-Bocks, A., Irwin, J. L., & Rosenblum, K. L. (2014). Maternal reflective functioning among mothers with childhood maltreatment histories: Links to sensitive parenting and infant attachment security. *Attachment & human development*, 16(5), 515-533. doi:10.1080/14616734.2014.935452
- Stover, K., & Pelletier, J. (2018). Does Full-Day Kindergarten Reduce Parenting Daily Hassles?. *Canadian Journal of Education*, 41(1).
- Teubert, D., & Pinquart, M. (2010). The association between coparenting and child adjustment: A meta-analysis. *Parenting: Science and Practice*, 10(4), 286-307. doi:10.1080/15295192.2010.492040
- Vreeland, A., Gruhn, M. A., Watson, K. H., Bettis, A. H., Compas, B. E., Forehand, R., & Sullivan, A. D. (2019). Parenting in context: associations of parental depression and socioeconomic factors with parenting behaviors. *Journal of Child and Family Studies*, 28(4), 1124-1133. doi:10.1007/s10826-019-01338-3
- Vrijhof, C. I., van der Voort, A., van IJzendoorn, M. H., & Euser, S. (2018). Stressful family environments and children's behavioral control: A multimethod test and replication study with twins. *Journal of Family Psychology*, 32(1), 49. doi:10.1037/fam0000345

Anexos

Anexo A – Régua (Questionário de Funcionamento Reflexivo Parental)



Anexo B – Questionário de Funcionamento Reflexivo Parental

Questionário de Funcionamento Reflexivo Parental (Luyten, Mayes, Nijssens, & Fonagy, xx; Moreira & Fonseca, xx)

De seguida, vamos ler-lhe um conjunto de frases. Para cada frase, decida o quanto concorda ou discorda. Use a seguinte escala de resposta, com 7 se concordar fortemente; e 1 se discordar fortemente. O ponto intermédio, se estiver neutro ou indeciso, é 4* (Mostrar régua).

Discordo Fortemente		Neutro			Concordo Fortemente	
1	2	3	4	5	6	7

1. As únicas alturas em que tenho a certeza que o meu filho me ama é quando ele está a sorrir para mim.	1	2	3	4	5	6	7
2. Sei sempre o que o meu filho quer.	1	2	3	4	5	6	7
3. Gosto de pensar nas razões que estão por trás da forma como o meu filho se sente e se comporta.	1	2	3	4	5	6	7

Anexo C – Questionário Factores de *Stress* Quotidiano

Questionário de Factores de *Stress* Quotidiano (Kanner, Coyne, Schaffer, & Lazarus, 1981;
Negrão, Pereira, & Soares, 2009)

"Este questionário inclui um conjunto de situações do quotidiano, relativas aos filhos e família, bem como à vida pessoal. Considere cada uma destas situações e, reportando-se à **SEMANA PASSADA**, por favor refira o incómodo que estas lhe provocaram. Para tal, utilize a escala que apresentamos" (Mostrar régua):

Nenhum incómodo	Ligeiro incómodo	Algum incómodo	Bastante incómodo	Muito incómodo
1	2	3	4	5

1. Ter de arrumar sempre o que a criança desarruma.	1	2	3	4	5
2. Ser importunado, ouvir choramingar, ou ouvir "queixinhas".	1	2	3	4	5
3. Problemas durante a hora de jantar (difícil para comer, queixa-se).	1	2	3	4	5

Anexo D – Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ-Por)

SDQ-Por (Goodman, 1997; Fleitlich, Loureiro, Fonseca, & Gaspar, 2004)

"Nesta parte, vamos conversar sobre o(s) seu(s) filho(s), utilizando este questionário com várias frases. Nós vamos lendo cada uma das frases e a(o) _____ (primeiro nome) diz qual das possibilidades - não é verdade; é um pouco verdade; é muito verdade – se aplica melhor ao/à seu/sua filho/filha _____ (primeiro nome do filho). Ajuda-nos muito se responder a todas as afirmações o melhor que puder, mesmo que não tenha a certeza absoluta ou que a afirmação lhe pareça estranha. Por favor, responda com base no comportamento do seu filho, nos últimos seis meses. Refira também se esse comportamento a/o preocupa (perguntar, em cada item NEGATIVIZADO, se o preocupa e assinalar um P sempre que for motivo de preocupação)".

Atenção - Depois do questionário preenchido ver quais os itens em que o participante refere **PREOCUPAÇÃO** e questionar para cada um desses itens: a) "Disse que se sente preocupada(o) com XXXXXX (referir item). Porque é que isto a(o) preocupa?"; b) "O que é que costuma fazer nesta situação (quando este comportamento acontece)?"

	Não é verdade	É um pouco verd	É muito verdade
1. É sensível aos sentimentos dos outros.			
2. É irrequieto, muito mexido, nunca pára quieto.			
3. Queixa-se frequentemente de dores de cabeça, dores de barriga ou vômitos.			